

# Zé do Telhado: O Justiceiro Romântico



ORGANIZAÇÃO



FACULDADE  
DE ECONOMIA  
UNIVERSIDADE  
DO PORTO

APOIO

**Exposição**  
**Faculdade de Economia da Universidade do Porto**  
**11 novembro 2025 a 20 fevereiro 2026**

# Zé do Telhado: O Justiceiro Romântico



Zé do Telhado: O Justiceiro Romântico

## Índice

7

Prefácio  
José Emídio  
Presidente do Conselho  
de Administração  
Árvore – Cooperativa de  
Atividades Artísticas

9

Prefácio  
Óscar Afonso  
Diretor  
Faculdade de Economia da  
Universidade do Porto

11

Fora da lei / Próximo do povo  
Isabel Ponce de Leão  
Vogal do Conselho de Administração  
da Cooperativa Árvore

15

Obras

35

Breve biografia do Zé do Telhado



## Prefácio

Ao longo da sua existência de mais de sessenta anos, a Cooperativa Árvore tem colaborado, estabelecido parcerias e protocolos com as mais diversas entidades e instituições da cidade, do país e do estrangeiro.

É, pois, com o maior orgulho e satisfação que damos início a esta parceria com a Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

Esta, para nós, muito importante parceria, materializa-se neste primeiro momento, através de uma exposição coletiva, nas instalações desta faculdade e é composta por dezasseis obras de artistas da Árvore, realizadas em exclusivo para esta exposição e submetidas ao tema, Zé do Telhado: O Justiceiro Romântico.

Não podemos, no entanto, neste momento de encontro entre a Faculdade de Economia e a Cooperativa Árvore, deixar de referir um outro aspeto que muito valorizamos e que, de algum modo, muito nos honra também. Trata-se do facto de duas personalidades que estão profundamente ligadas à história da cooperativa, o Escultor José Rodrigues e o Arquiteto Viana de Lima, estarem igualmente ligados a esta faculdade. O Arquiteto Viana de Lima, como autor do projeto arquitetónico, e o Escultor José Rodrigues, como autor do elemento escultórico, *Obelisco* (1974), que anuncia a entrada principal do edifício. São, na verdade, duas importantes referências que, julgamos, honram e unem, estas duas instituições da cidade e que valorizam a sua própria história.

Deixamos aqui um especial agradecimento, aos artistas que responderam ao convite e aos desafios que lhes propusemos, aos nossos colaboradores na produção e logística dos trabalhos e, particularmente, aos responsáveis pela Faculdade de Economia.

Ao seu Diretor, Professor Óscar Afonso, por acreditar, como nós, que os valores da Arte, da Cultura e da Liberdade, valem bem o nosso esforço na sua defesa e na sua divulgação.

José Emídio

Presidente do Conselho de Administração  
Árvore – Cooperativa de Atividades Artísticas

1847

14636

juico da Divisa do M.º P.º da Cadeia de  
S.º de Gonçalves

Autor crimes da qual se tratou haver a  
mencionado acerto

Offr. N.º 3º

Auto Juiz Lino  
Faz. 1º Dr.  
Faz. 2º Dr.  
Faz. 3º Dr.  
Faz. 4º Dr.  
Faz. 5º Dr.

Força Juiz do P.º da Cadeia

## Prefácio

Zé do Telhado é uma das figuras mais emblemáticas da tradição popular portuguesa. Nascido na segunda metade do século XIX, tornou-se símbolo da luta contra a injustiça social e da defesa dos oprimidos, personificando o herói romântico que atravessa gerações e inspira o imaginário coletivo. A sua história, marcada por um forte sentido de justiça, foi imortalizada ao longo do tempo, perpetuando uma rica tradição de narrativas populares. Mais do que uma figura lendária, Zé do Telhado representa a revolta contra as desigualdades sociais e os abusos de poder. Levantou-se contra os senhores da terra, os grandes opressores da sua época, e tornou-se o protetor dos humildes, desafiando o sistema estabelecido. Era visto como um salvador da sua gente, cujas ações, embora imperfeitas, ressoavam com os ideais de liberdade e igualdade. A sua ação transcendia o simples combate à injustiça, movida por um desejo profundo de corrigir o sistema e restaurar a equidade social, tornando-se num mito que perdura na cultura portuguesa.

Esta exposição visa explorar a figura de Zé do Telhado, não só pela tradição oral que preservou as suas façanhas, mas também através da sua representação nas artes, literatura e outras formas culturais. Procuramos apresentar Zé do Telhado como uma figura humana que viveu intensamente a sua época e se tornou um ícone atemporal. A exposição reflete as várias dimensões dessa figura complexa, desde a sua vivência nas serranias até ao seu lugar como mito nacional. Através de objetos, obras de arte e textos literários, convidamos o visitante a conhecer tanto o homem como o mito e a refletir sobre como esta figura continua a ressoar nas questões de justiça e desigualdade da sociedade contemporânea.

Agradecemos a todos que nos acompanham nesta jornada de descoberta e esperamos que esta exposição ofereça uma nova visão sobre um dos maiores justiceiros românticos da nossa história. Que, ao explorar as várias facetas de Zé do Telhado, todos possam refletir sobre o seu legado e sobre o poder da tradição na construção da identidade coletiva de um povo.

Óscar Afonso  
Diretor  
Faculdade de Economia da Universidade do Porto



[Zé do Telhado: O Justiceiro Romântico](#)

Admiravam José do Telhado, pasmando das suas fugas insólitas, a coragem carniceira que o fazia coser com a agulha de castrador o próprio ventre anavalhado; louvavam a sua generosidade, comum a homens de tal tipo, que acabam por se explicarem como reformadores sociais e se fanatizam contra a lei, mas o povo não lhe perdoava a quebra de confiança a que o obrigava, nem a traição que desse facto, mutuamente, resultava.

Agustina Bessa-Luís

José Teixeira da Silva, mais conhecido como Zé do Telhado (1816–1875), ocupa um lugar peculiar na memória coletiva portuguesa. Militar envolvido nas lutas liberais, desertor, salteador / bandido, preso na Cadeia da Relação do Porto e, mais tarde, degredado para Angola, foi transformado pela tradição popular e pela cultura artística numa figura que oscilou entre o criminoso e o herói justiceiro, um tal Robin Hood português. Essa ambiguidade refletiu-se nas diversas representações que a sua vida e lenda conheceram ao longo do tempo, em vários campos da criação cultural portuguesa.

No âmbito literário, Zé do Telhado ganhou vida tanto pela via da história popular como pela ficcional. Desde o século XIX circulam folhetins, narrativas orais e textos de cordel que dramatizavam os seus assaltos e exaltavam a sua pretensa generosidade: roubava aos ricos para dar aos pobres. Camilo Castelo Branco dedicou-lhe páginas significativas em *Memórias do Cárcere* (1862) e *Maria da Fonte* (1884) retratando-o com ironia e detalhe psicológico, ora como vilão, ora como produto das desigualdades sociais. No século XX, Agustina Bessa-Luís em *A Sibila* (1954) denominou-o “Velho do Saco” e “Lobisomem”, numa alusão à credice popular. A estes se juntam muitos outros autores que procuraram revisitá-lo trajetória do “bom ladrão”, oscilando entre a denúncia social e a mitificação romântica, e. g.: Graciliano Ramos (Camilo Castelo Branco, 1954), José Manuel de Castro (*José do Telhado*, 1980), *Eduardo de Noronha* (*José do Telhado em África: romance baseado sobre factos históricos*, 1923), Campos Monteiro (*José do Telhado e os seus Quadrilheiros*, 2001), Artur Varatojo

(*O José do Telhado*, 2003), Augusto Pinto (*Quem foi José do Telhado*, 2005) ou José Manuel de Castro Pinto (*José do Telhado: culpado e inocente*, 2003; *José do Telhado: o Robim dos Bosques português? Vida e aventura*, 2007).

Nas artes cénicas do século XIX e início do XX, o Bandoleiro do Marco foi figura recorrente. Peças de cariz melodramático ou burlesco apresentavam-no como aventureiro ousado, cuja coragem e astúcia despertavam tanto o medo como a admiração do público. O salteador assumia muitas vezes uma feição ora moralizante, sendo castigado no desfecho, ora heroica, sendo homenageado pela bravura. Assim, o teatro contribuiu para fixar a sua imagem como personagem liminar: fora da lei, mas próximo do povo, em peças como *Zé do Telhado* (1978) de Hélder Costa, *Ana, Zé e os Escravos* (1986) de José Mena Abrantes e na opereta *Zé do Telhado* (1944).

Também o cinema não resistiu ao fascínio da lenda. Em meados do século XX, surgiram adaptações que exploravam a sua vida como matéria para filmes de ação e aventura, enquadrados num registo nacionalista e romântico. Estas produções reforçaram a imagem de um fora da lei com um certo código de honra, aproximando-o de arquétipos universais do herói popular. A dimensão cinematográfica ajudou a divulgar a figura de Zé do Telhado pelas novas gerações em filmes como *José do Telhado* (1929) de Rino Lupi, *José do Telhado* (1945), *A Volta de José do Telhado* (1949) de Armando de Miranda ou *José do Telhado de José Couto*, “recortado” da série *João Semana* exibido pela RTP em 2005.

Na música popular, o nome do salteador ganhou presença em modas, cantigas e fados. A sua fama, transmitida oralmente, fixou-se em versos que destacavam a audácia dos assaltos, mas também a suposta generosidade para com os pobres e desvalidos. Estas canções, mais do que narrar factos históricos, eternizaram uma lenda coletiva, transmitindo uma versão simplificada e romântica da sua vida, ao gosto popular, de que é subido exemplo o álbum *Fura fura* (1979) de Zeca Afonso, cujo lado A reunia músicas escritas para a peça de Hélder Costa acima referida.

Nas artes plásticas, o Zé do Telhado foi representado em gravuras, ilustrações de romances de cordel, pinturas e até esculturas populares. A sua figura, com traços de valentia e rebeldia, era muitas vezes idealizada, convertendo-se em

símbolo visual da resistência popular contra a injustiça social. Estas representações plásticas, mais do que reproduções fiéis, contribuíram para a criação de um ícone cultural reconhecível. A trajetória de Zé do Telhado, cujos restos mortais repousam num pequeno mausoléu na aldeia de Xissa, a uma centena de quilómetros de Malanje, na África para onde foi reportado, atravessou fronteiras artísticas e consolidou-se como mito popular português. Se, por um lado, a história oficial o enquadra como criminoso condenado e deportado, por outro, a memória coletiva e a produção cultural deram-lhe uma aura heroica, conferindo-lhe um lugar na galeria das figuras lendárias nacionais.

A presente mostra prolonga essa galeria numa linguagem plástica insubmissa a estéticas controladas, antes diversificada em estilos e materiais que projetam a ambiguidade da personagem, perpetuando a imagem de um homem que desafiou a ordem, mas conquistou o imaginário do povo.

Isabel Ponce de Leão  
Vogal do Conselho de Administração  
da Cooperativa Árvore

Novembro de 2025

**Acácio de Carvalho**  
**Alberto Péssimo**  
**Benedita Kendall**  
**Domingos Loureiro**  
**Evelina Oliveira**  
**Francisco Araújo**  
**Henrique do Vale**  
**JAS**  
**Jorge Marinho**  
**Manuel Bronze**  
**Nuno Ferreira**  
**Pereira Rute**  
**Ricardo Leite**  
**Rosa Bela Cruz**  
**Rute Rosas**  
**Vieira Saraiva**







**Acácio de Carvalho**

*Zé do Telhado*, 2025  
Acrílico sobre tela  
Díptico de 150 x 200 cm



**Alberto Pessimo**

*Zé do Telhado*, 2025  
Técnica mista  
100 x 100 cm



**Benedita Kendall**

*Sobre o mesmo céu:  
Alegoria sobre a convivência  
de classes, 2025  
Acrílico sobre tela  
100 x 100 cm*



**Domingos Loureiro**

*Em cada relato, um novo facto*, 2025  
MDF pintado e escavado sobre  
estrutura em latão  
122 x 200 x 6 cm



**Evelina Oliveira**

*Da memória*, 2025  
Acrílico e grafite sobre madeira  
100 x 100 cm



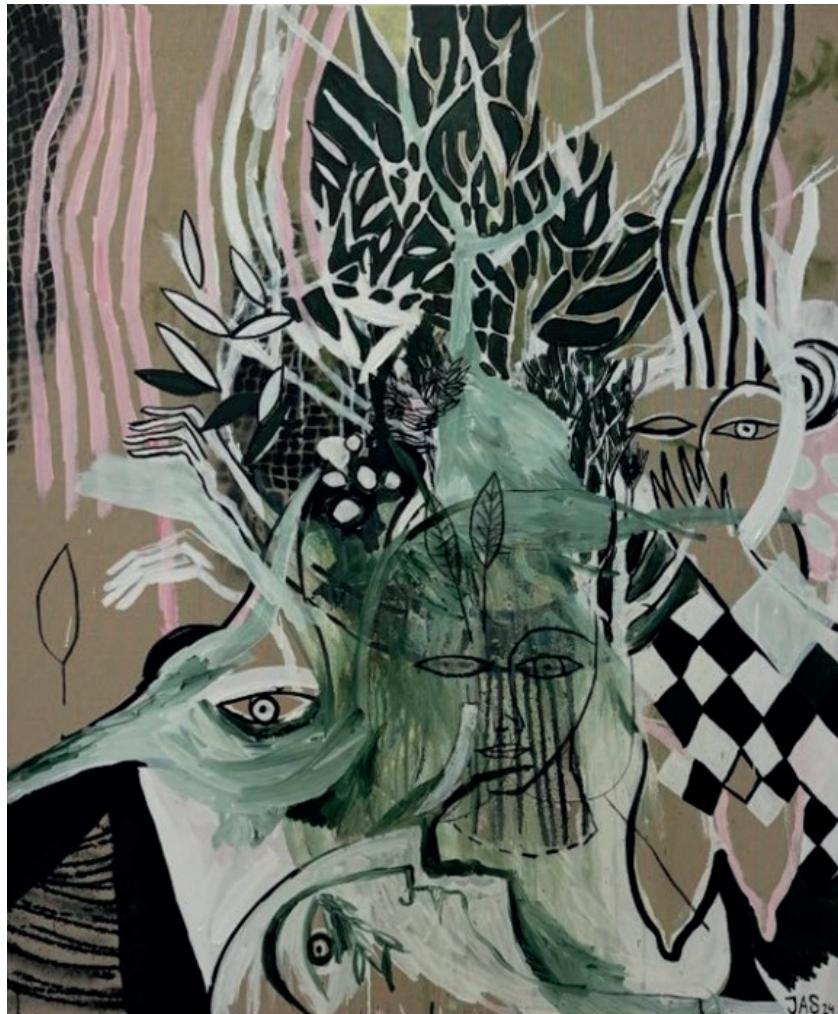
**Francisco Araújo**

*O Juízo Final de José do Telhado*, 2025  
Óleo sobre tela  
100 x 120 cm



**Henrique do Vale**

*Guarda Sombras*, 2025  
Acrílico sobre tela  
100 x 145 cm



**JAS**

*Life on the mountain*, 2025  
Acrílico e carvão sobre tela  
120 x 100 cm



**Jorge Marinho**

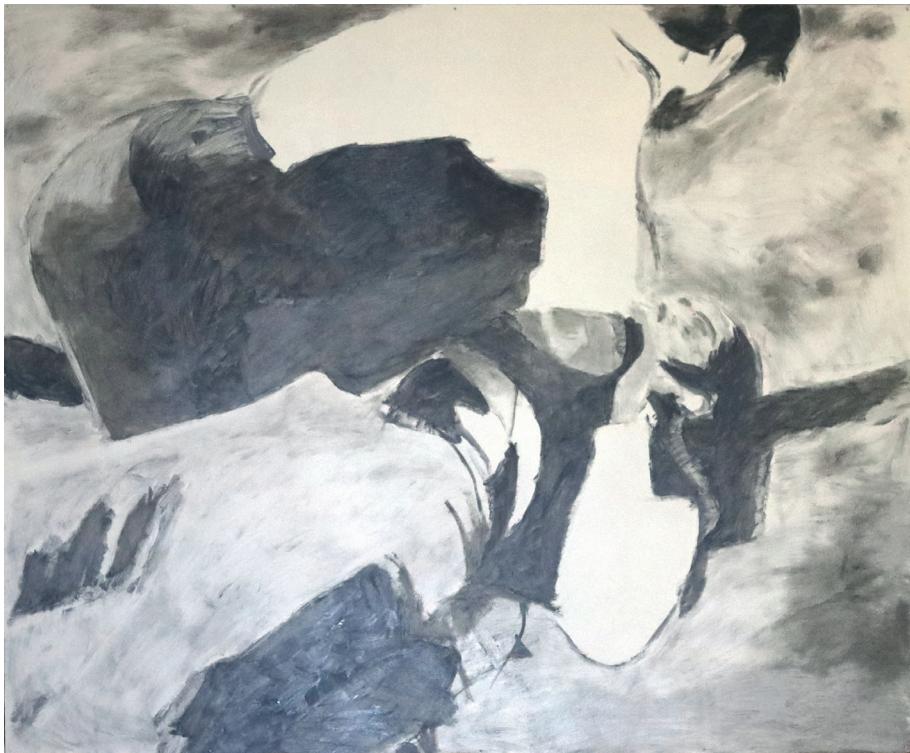
*Precisamos de heróis*, 2025  
Técnica mista sobre tela  
100 x 100 cm



**Manuela Bronze**

**1875, 2025**

Grafite, acrílico, barra de óleo,  
tecidos aplicados costurados e bordados  
125 x 183 cm



**Nuno Ferreira**

*José do Telhado e José Pequeno*, 2025  
Óleo sobre madeira  
120 x 100 cm



**Pereira Rute**

*A silhueta*, 2025  
Óleo sobre placa de HDF  
104 x 104 cm



**Ricardo Leite**

*Zé do Telhado – a noite*, 2025  
Pedra negra e lápis branco sobre  
papel cinzento  
100 x 100 cm



**Rosa Bela Cruz**

*A Criada da Quinta do Morgado*, 2025  
Técnica mista sobre tela  
120 x 100 cm



**Rute Rosas**

*Corpo Pessegueiro (Madame)*, 2022  
Pessegueiro seco, prata, vidro soprado,  
mugos secos, pinha flor, pele de raposa  
197 x 50 x 120 cm



**Vieira Saraiva**

*Zé do Telhado*, 2025  
Óleo sobre linóleo  
100 x 120 cm





## Zé do Telhado: O Justiceiro Romântico

### Origens e juventude

José Teixeira da Silva nasceu em 1818 no lugar do Telhado, freguesia de Castelões de Recezinhos, Penafiel. Proveniente de uma família humilde, aos 14 anos foi viver com um tio em Caíde de Rei, Lousada, onde aprendeu o ofício de castrador e tratador de animais. Aos 27 anos, casou-se com a sua prima Ana Lentina de Campos, com quem teve cinco filhos.

### Carreira militar e envolvimento político

Alistou-se no exército, integrando os Lanceiros da Rainha, e participou na luta contra os setembristas pela restauração da Carta Constitucional. Após a derrota da sua fação, refugiou-se em Espanha. De regresso a Portugal, envolveu-se na Revolução da Maria da Fonte em 1846, colocando-se às ordens do general Sá da Bandeira. Destacou-se pela bravura em combate, sendo condecorado com a Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

### De herói a salteador

Após a Convenção de Gramido (1847), que pôs fim à revolta, José do Telhado vê-se fora do exército, enfrentando dificuldades financeiras. Sem meios de subsistência, criou uma quadrilha que realizou numerosos assaltos no interior Norte de Portugal, especialmente em Baião, Celorico de Basto, Fafe, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses e Amarante.

Recorrendo à sua experiência militar, a uma rede de informadores e a aliados de vários estratos sociais (incluindo padres e fidalgos), liderou assaltos audaciosos.

### O assalto ao solar do Carrapatelo

O assalto à residência do Carrapatelo, Marco de Canaveses, do recém falecido fidalgo José Joaquim de Abreu de Lemos, em 1852, é, talvez, o episódio mais audacioso da sua carreira

criminosa. Planeou ao detalhe o assalto ao solar, onde se supunha haver 30 mil cruzados em ouro. Antes do ataque, enviou um dos seus homens de confiança, José Vasconcelos, conhecido por Morgado, para sondar o terreno e garantir alojamento nas proximidades. Durante a operação, a criada Luísa guiou os assaltantes ao quarto do finado, onde Zé do Telhado retirou duas bolsas com dinheiro. No entanto, o assalto culminou com o assassinato de um criado, contra as ordens de Zé do Telhado. No final, Zé do Telhado guardou o ouro e a prata para si, pagando seis moedas a cada homem, pelos serviços prestados. Ao contrário do mito, nada foi distribuído pelos pobres.

### **Captura e degredo**

Impiedosamente perseguido pelas autoridades, Zé do Telhado acabou por ser capturado em 1859, quando tentava fugir para o Brasil. Em 1860, cruzou-se nos calabouços do Tribunal da Relação do Porto com Camilo Castelo Branco, num momento em que este receava que Pinheiro Torres – o marido atraíçoadão de Ana Plácido – tivesse contratado alguém para o matar. Zé do Telhado ofereceu-se para proteger o escritor. Grato por tal generosidade, Camilo intercedeu por ele, cedeu-lhe o seu advogado e reescreveu a sua vida em tons heroicos, transformando-o num autêntico “Robin dos Bosques português”.

Na verdade, apesar dos crimes praticados – assaltos, homicídios e resistência às autoridades – Zé do Telhado escapou à pena capital, sendo condenado ao exílio em Angola, onde viveu até à morte.

### **Exílio em Angola**

Estabelecido em Malanje, Zé do Telhado tornou-se negociante de borracha, cera e marfim. Casou-se com uma angolana, Conceição, com quem teve três filhos. No desterro, foi uma figura respeitada, sendo conhecido localmente como Kimuezo, o homem das barbas grandes.

Faleceu em 1875 – há precisamente 150 anos, vítima de varíola, sendo sepultado na aldeia de Xissa, município de Mucuri, onde o seu túmulo se tornou objeto de romarias e homenagens.

## Legado

A figura de Zé do Telhado convida-nos a refletir sobre a justiça social e a ténue linha que separa o herói do vilão. Zé do Telhado tornou-se uma figura emblemática na cultura portuguesa, sendo retratado em diversas obras:

- Filmes como *José do Telhado* (1929 e 1945) e *A Volta de José do Telhado* (1949) retrataram a sua vida.
- A série de televisão *João Semana* (2005) incluiu numerosas referências a Zé do Telhado e aos assaltos do seu bando.
- Peças de teatro como *Zé do Telhado* (1944) e *Ana, Zé e os Escravos* (1986) exploraram a sua história.
- O músico Zeca Afonso dedicou o álbum *Fura Fura* (1979) à peça teatral *Zé do Telhado*.



EXPOSIÇÃO	EXPOSIÇÃO / LOCAL E DATA
Zé do Telhado: O Justiceiro Romântico	Faculdade de Economia da Universidade do Porto
DIREÇÃO E ORGANIZAÇÃO	11 novembro 2025 a 20 fevereiro 2026
José Emídio Presidente do Conselho de Administração	MONTAGEM Tiago Reis Dan Gaina
Óscar Afonso Diretor da Faculdade de Economia da Universidade do Porto	ASSESSORIA DE IMPRENSA Daniela Pinto
DIRETOR-EXECUTIVO Manuel de Sousa	VINIS Bluesmoke
TEXTOS José Emídio Óscar Afonso Isabel Ponce de Leão	IMPRESSÃO Greca - Artes Gráficas Depósito Legal N <sup>a</sup>
COORDENAÇÃO Beatriz Vieira	
DESIGN EDITORIAL Humberto Nelson	ÁRVORE – COOPERATIVA DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS, C. R. L. Rua de Azevedo de Albuquerque, 1 4050-076 PORTO - PORTUGAL <a href="http://www.arvorecoop.pt">www.arvorecoop.pt</a>
FOTOGRAFIA Autores das obras Imagens das páginas 4 - 6 - 8 - 10 - 37 Arquivo/Imagen ©José do Telhado – Museu Virtual - - Tribunal da Relação do Porto	FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO Rua Dr. Roberto Frias, s/n 4200-464 Porto, Portugal <a href="http://www.fep.up.pt">www.fep.up.pt</a>
EDIÇÃO Novembro 2025 © Árvore – Cooperativa de Atividades Artísticas, C. R. L.	



ORGANIZAÇÃO



FACULDADE  
DE ECONOMIA  
UNIVERSIDADE  
DO PORTO

APOIO



**Acácio de Carvalho**  
**Alberto Péssimo**  
**Benedita Kendall**  
**Domingos Loureiro**  
**Evelina Oliveira**  
**Francisco Araújo**  
**Henrique do Vale**  
**JAS**  
**Jorge Marinho**  
**Manuel Bronze**  
**Nuno Ferreira**  
**Pereira Rute**  
**Ricardo Leite**  
**Rosa Bela Cruz**  
**Rute Rosas**  
**Vieira Saraiva**

**Exposição**  
**Faculdade de Economia da Universidade do Porto**  
**11 novembro 2025 a 20 fevereiro 2026**